

Relatório de Avaliação Co-Bio

Com contribuições de todos os parceiros da Co-Bio
Compilado e redigido por Center for Citizen Dialogue



Conteúdo

Introdução: O projeto Co-Bio.....	3
1. Co-criação da biodiversidade: os seis casos locais resumidos	3
2. O valor e o impacto das iniciativas Co-Bio	7
Utilização de um quadro de “valor público” para avaliar o Co-Bio	7
O valor do Co-Bio em termos de biodiversidade e qualidade ambiental	9
O valor do Co-Bio em termos de inovação e aprendizagem.....	10
O valor social e cultural do Co-Bio em termos de redes e relações sociais	12
O valor do Co-Bio em termos de democracia	14
O valor económico do Co-Bio	16
Conclusão: O valor e o impacto dos projetos Co-Bio	17
3. Co-Bio como um processo de cocriação.....	18
Pontos a reter: Quais foram as principais dificuldades encontradas?	18
Pontos a reter: O que funcionou bem?	19
4. Recomendações baseadas no Co-Bio.....	21
Garanta a sustentabilidade da iniciativa	22
Recomendações políticas	23
Apêndice: Panorama geral dos inquiridos	24

Introdução: O projeto Co-Bio

O projeto Co-Bio (Cocriação de Biodiversidade em Áreas Urbanas) visa apoiar a Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030, com um foco concreto na biodiversidade urbana. O projeto conta com parceiros da Dinamarca, Áustria, Portugal, Grécia, Hungria e Itália e tem sido coordenado pelo município de Vejle, na Dinamarca. Durante o período do projeto, de 1 de outubro de 2023 a 31 de março de 2026, o projeto Co-Bio experimentou metodologias de cocriação para promover a biodiversidade urbana em seis cidades europeias.

O projeto Co-Bio teve como objetivo fomentar a participação ativa e a influência dos cidadãos na sua comunidade local e na sociedade. Para tal, apoiou entidades do setor público e da sociedade civil na aquisição de competências, métodos específicos e ferramentas para a cocriação e a cooperação intersetorial com o objetivo de melhorar a biodiversidade.

O projeto foi organizado de forma a apoiar a colaboração e a cocriação, envolvendo diretamente os parceiros do projeto como facilitadores dos casos locais, recebendo, para tal, formação como facilitadores em processos locais de cocriação. O projeto pretende colmatar uma lacuna de competências, conhecimentos e ferramentas práticas entre a implementação local e o nível estratégico e legislativo europeu mais alargado, ou seja, a Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030.

O projeto Co-Bio foi impulsionado por uma dupla ambição: 1. Testar e desenvolver uma metodologia de cocriação da biodiversidade, resultando em duas publicações que resumem a aprendizagem e os métodos (<https://co-bio.vejle.dk/>). 2. Desenvolver e implementar uma iniciativa local de biodiversidade em cada uma das seis cidades, através de uma abordagem co-criativa, em termos de co-planeamento, co-concepção ou co-implementação de iniciativas de biodiversidade em colaboração com os cidadãos e outros stakeholders.

O presente Relatório de Avaliação aborda ambas as ambições da seguinte forma: A primeira secção apresenta resumidamente os seis casos locais do Co-Bio. As duas secções em que se divide este relatório apresentam uma avaliação de todo o projeto Co-Bio a partir de duas perspetivas diferentes: Em primeiro lugar, explorando o impacto e os resultados criados pelas iniciativas de biodiversidade do Co-Bio através de uma perspetiva de valor público. Em segundo lugar, explorando o Co-Bio como uma experiência de cocriação: o que é o Co-Bio nos pode ensinar sobre os processos de cocriação? A última secção resume as recomendações relevantes resultantes da implementação do projeto para profissionais e decisores políticos.

1. Co-criação da biodiversidade: os seis casos locais resumidos

O projeto Co-Bio compreende seis casos de cocriação de biodiversidade desenvolvidos e implementados pelos parceiros em cada uma das seis cidades envolvidas no projeto. De

seguida, encontrará uma breve descrição dos casos locais, com especial foco nos stakeholders e atividades que caracterizam cada um, uma vez que o resultado e o impacto dos casos são apresentados na secção dedicada à sua avaliação. Descrições detalhadas de cada caso local podem ser encontradas no site do projeto, www.co-bio.vejle.dk.

Dinamarca: Desenvolvimento de “caixas de biodiversidade” para a comunidade local, Skibet

Parceiro: Município de Vejle

Participantes e colaboração: O município de Vejle convidou os cidadãos de Skibet, uma comunidade próxima da cidade de Vejle, a desenvolver atividades locais relacionadas com o clima e a biodiversidade. Foi criado um grupo de trabalho a favor da biodiversidade composto por 13 residentes, incluindo proprietários de jardins privados, uma associação de moradores, a igreja e voluntários locais.

Objetivo: Envolver residentes e associações na cocriação de ações concretas de biodiversidade.

Atividades: O grupo discutiu a ideia de concretizar um “Plano-Mestre” de biodiversidade, mas decidiu criar uma solução mais prática e acessível. Essa mudança fortaleceu o envolvimento da comunidade. Com o apoio do município, um grupo menor de cidadãos desenvolveu caixas de biodiversidade adaptadas a diferentes tipos de proprietários de terras (agricultores, jardins, áreas comuns, etc.). As caixas incluem plantas, sementes, caixas-ninho ou casas para ouriços e material informativo, facilitando o início imediato de ações de biodiversidade. A inspiração veio dos “kits de refeições”, onde tudo o que é necessário é fornecido.

Itália: Plantar um jardim de biodiversidade em Palermo

Parceiro: CESIE, uma ONG que trabalha com desenvolvimento cultural, social, económico e educativo, bem como com educação e formação formal e não formal.

Participantes e colaboração: A CESIE formou uma aliança com o Euromadonie, um instituto de aprendizagem profissional e agência de emprego na área de Rocella, em Palermo. O jardim de biodiversidade foi criado nos terrenos da igreja local. A CESIE colaborou com a Euromadonie e a igreja local, bem como com botânicos e especialistas ambientais locais, no desenvolvimento de um jardim para conservar e exibir espécies de plantas endémicas e raras nativas da Sicília. Escolas locais, residentes e voluntários foram convidados a cocriar o espaço através de dias de plantação, workshops e sessões de “storytelling”.

Objetivo: Criar um espaço multifuncional que promova a educação, a investigação e atividades recreativas e integre a biodiversidade na vida quotidiana da comunidade local através da aprendizagem interativa.

Atividades: Foram criadas salas de aula ao ar livre, onde se realizaram seminários, visitas guiadas e atividades práticas para escolas e universidades. Foram também promovidas oficinas interativas sobre compostagem, conservação de sementes e práticas de cultivo sustentáveis, com o objetivo de conjugar o conhecimento científico e a sabedoria tradicional.

Grécia: Atividades de aprendizagem e um espaço verde em Plataies

Parceiro: ALLI, uma ONG que trabalha para melhorar os processos de inovação, principalmente nas áreas de aprendizagem ao longo da vida, desenvolvimento do capital humano, mercados de trabalho e inclusão social.

Participantes e colaboração: Em colaboração com o município e uma escola primária local, a ALLI promoveu a iniciativa “Ação para a Biodiversidade Urbana” na cidade de Plataies. Esta contou com a participação de crianças, pais e professores. Atualmente, a ALLI está a negociar com vários outros municípios que pretendem adotar o conceito de cocriação da biodiversidade nas escolas.

Objetivo: Apoiar uma comunidade a criar laços mais fortes com a natureza e entre si, cultivando um sentido partilhado de responsabilidade pelo seu ambiente urbano.

Atividades: Atividades de aprendizagem interativas com alunos da escola envolvida sobre a importância da biodiversidade, a sua relação com a natureza e um enigma sobre espécies nativas e plantas endémicas. Atividades práticas de plantação para os alunos em colaboração com professores e pais, finalizadas com todos os participantes a realizarem um compromisso pessoal para cuidar do espaço verde desenvolvido.

Hungria: Melhorar a biodiversidade em Wekerletelep através de atividades comunitárias

Parceiro: GreenFormation, uma empresa privada que trabalha para impulsionar a transição ecológica e social através da investigação, consultoria e projetos colaborativos.

Participação e colaboração: A GreenFormation organizou uma série de atividades comunitárias sobre biodiversidade e contactou parceiros locais em Wekerletelep, uma área em Budapeste, dinamizando a iniciativa “Wekerle - Naturally!”. Foi desenvolvida uma colaboração com a organização civil Transition Wekerle, a Kiserdóvédő Egyesület (Associação de Proteção da Pequena Floresta), o Centro Comunitário local, uma escola primária, um especialista em permacultura e dois proprietários de jardins privados. Os cidadãos locais e as crianças participaram em visitas guiadas e eventos, bem como em sessões de plantação e num concurso de desenho.

Objetivo: Incentivar os residentes a dar pelo menos um passo prático e amigo da natureza, seja em jardins privados, varandas ou espaços verdes comuns, e promover a ecologização em pequena escala em todo o bairro.

Atividades: Apresentações e passeios focados na biodiversidade (abelhas, morcegos, jardins amigos dos pássaros). Atividades práticas de plantação em dois jardins privados, uma escola e um centro comunitário. Um concurso de desenho para crianças.

Portugal: Plantação de miniflorestas em áreas de habitação social carenciadas em Vila Nova de Gaia

Parceiro: RightChallenge, uma ONG que visa promover a educação e a formação profissional como meio de inclusão social e igualdade de oportunidades.

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

Colaboração e participação: A RightChallenge estabeleceu uma parceria com a Gaiurb, a empresa municipal responsável pela gestão do território e habitação social em Gaia, no distrito do Porto. O objetivo foi desenvolver o projeto “GAIA Tiny Forests” em áreas pertencentes à Gaiurb em três zonas de habitação social carenciadas. A iniciativa decorreu em colaboração com vários profissionais da Gaiurb: arquitetos paisagistas, especialistas ambientais e técnicos de ação social, envolvendo os habitantes locais em atividades de aprendizagem e sessões de plantação.

Objetivo: Fortalecer o sentimento de pertença dos residentes relativamente aos locais escolhidos, demonstrando-lhes a importância dos seus espaços e apoiando o cuidado coletivo dos espaços verdes.

Atividades: Apresentações e workshops, bem como atividades de sensibilização dirigidas aos habitantes locais. Atividades no terreno: Preparação do solo e plantação de árvores, arbustos e espécies herbáceas nativas.

Áustria: Melhoria da biodiversidade num *campus* universitário em Viena

Parceiros: Gartenpolylog, uma ONG que promove hortas comunitárias em colaboração com a Öko Campus Wien, uma ONG que trabalha para proteger e melhorar a biodiversidade nos terrenos da Universidade de Viena, na Áustria, desde 2021.

Colaboração e participação: A iniciativa “Biodiversificar a UBB” focou-se no envolvimento de estudantes e habitantes locais que vivem nas proximidades numa restauração da natureza urbana no novo *campus* do edifício de biologia da universidade (UBB). A iniciativa foi desenvolvida e implementada por membros da associação Öko Campus Wien, juntamente com estudantes e habitantes locais interessados. Foi comunicada através da Associação de Estudantes de biologia.

Objetivo: Desenvolver medidas para promover a comunidade e melhorar a biodiversidade e a diversidade estrutural nas instalações do *campus* e arredores, e dar aos estudantes uma participação no projeto do seu *campus* e experiência com medidas de biodiversidade.

Atividades: Reuniões e workshops, incluindo um simpósio internacional e uma reunião de “networking”. Atividades comunitárias e encontros sociais. Sessões práticas em termos de restauração, remoção de arbustos de monocultura, remoção de espécies invasoras, plantação e sementeira e construção de habitats para abelhas selvagens e outros insetos.

2. O valor e o impacto das iniciativas Co-Bio

Esta secção apresenta uma avaliação do impacto e dos resultados das seis iniciativas Co-Bio, aplicando uma abordagem de valor público. Em primeiro lugar, é explicada a ideia e o conceito de valor público. Em segundo lugar, são apresentadas várias dimensões diferentes do valor público criadas pelo projeto. A última secção apresenta algumas observações finais sobre o valor e o impacto das iniciativas Co-Bio locais.

Esta secção avalia o projeto Co-Bio utilizando um quadro de “valor público”. A abordagem de avaliação escolhida baseia-se em investigações que mostram que o valor das iniciativas de cocriação se encontra frequentemente numa série de resultados intangíveis e de longo prazo, que são percebidos de forma diferente pelos diferentes intervenientes. Para acomodar estas características das iniciativas de cocriação, decidimos aplicar uma abordagem exploratória e qualitativa baseada em entrevistas qualitativas com os stakeholders relevantes.

Utilização de um quadro de “valor público” para avaliar o Co-Bio

Ao utilizar o quadro do “valor público”, a avaliação baseia-se num conceito de valor que é multidimensional, holístico e dependente das perspetivas dos intervenientes. Assim, a avaliação explora os possíveis impactos do projeto Co-Bio na prática quotidiana dos participantes, bem como impactos mais amplos em termos de biodiversidade, democracia e construção de relações.

Valor público

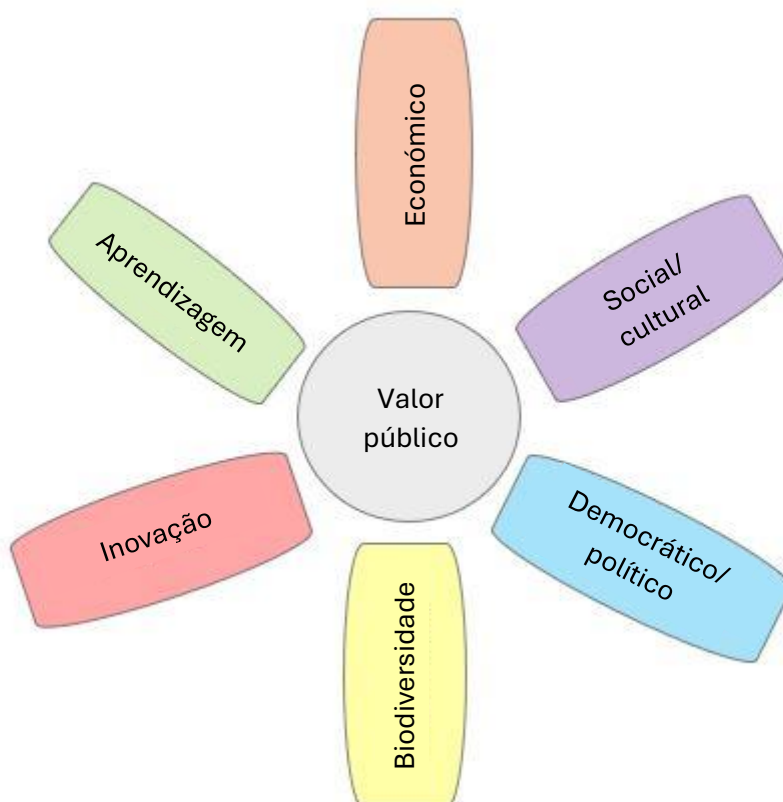
- O conceito de “valor público” foi inicialmente lançado por um investigador americano, Mark Moore. Os valores públicos são valores que são importantes e contribuem com valor para a esfera pública.
- Moore desenvolveu a ideia de “valor público” em oposição a uma compreensão da criação de valor puramente orientada para os custos e benefícios económicos.
- O conceito surge da ideia de que o setor público deve equilibrar os interesses de uma diversidade de stakeholders afetados, gerando múltiplos tipos de valor que não são puramente económicos.
- Referências: (Agger & Andersen, 2018; Agger & Tortzen, 2018; Andersen, Greve, Klausen, & Torfing, 2020; Benington, 2011) .

A avaliação que se segue dos impactos criados pelo projeto Co-Bio será focada numa série de valores que são relevantes na avaliação de iniciativas de cocriação:

- **Biodiversidade e valor ambiental:** valor em termos de melhoria da biodiversidade e da qualidade ambiental
- **Valor da inovação e da aprendizagem:** valor em termos de experimentação e aprendizagem de métodos, colaborações e soluções inovadores

- **Valor social e cultural:** valor em termos de construção de redes, relações sociais, capital social ou identidade cultural
- **Valor democrático:** valor em termos de estímulo e apoio ao diálogo democrático, participação e envolvimento civil
- **Valor económico:** valor em termos de incentivo ao empreendedorismo, emprego ou trabalho voluntário

Valor público



A avaliação: Metodologia e dados

Metodologia: Entrevistas qualitativas (semiestruturadas) com uma seleção estratégica de inquiridos

Dados: Entrevistas com representantes das seis organizações parceiras (oito inquiridos no total) realizadas pela CFCD no Zoom e transcritas utilizando uma ferramenta baseada em IA.

Foram realizadas entrevistas com um total de 24 stakeholders através de entrevistas em grupo ou entrevistas individuais pelos parceiros. As principais conclusões das entrevistas foram resumidas pelos parceiros.

No anexo deste documento poderá encontrar um resumo dos entrevistados.

Então, o que podemos esperar em termos de impacto de uma iniciativa como a Co-Bio, que aplica uma abordagem de cocriação para apoiar a biodiversidade urbana ao longo de um período de pouco mais de dois anos? Deve-se esperar que as iniciativas locais da Co-Bio produzam valor visível e efeitos ambientais tangíveis em termos de áreas verdes e medidas de biodiversidade - e provavelmente também valor económico. Além disso, deve-se esperar que as iniciativas de cocriação produzam valor “invisível”, como o estabelecimento de relações e comunidades, inovação e aprendizagem, que podem possibilitar e fortalecer a biodiversidade a longo prazo.

Esta secção examina as seis iniciativas Co-Bio através de uma perspetiva de valor público, explorando a criação de valor intangível e tangível e os impactos relatados pelos parceiros e pelos stakeholders dos projetos.

O valor do Co-Bio em termos de biodiversidade e qualidade ambiental

O objetivo dos projetos Co-Bio tem sido melhorar a biodiversidade em ambientes urbanos. Cinco dos seis projetos locais trabalharam para fazer mudanças físicas numa área específica, apoiando a biodiversidade em termos de plantas, insetos e morcegos - dando assim um pequeno primeiro passo para melhorar a biodiversidade urbana e a qualidade ambiental.

O acesso aos recursos fundiários revelou-se um fator importante no trabalho com medidas de biodiversidade. Em Portugal, Itália e Áustria, as iniciativas Co-Bio conseguiram garantir o acesso a um terreno através de parcerias com organizações proprietárias de terrenos: uma Empresa responsável pelo Urbanismo, Habitação Social e Reabilitação Urbana, uma Escola Profissional e uma Universidade, respetivamente.

O projeto português criou miniflorestas em três áreas de habitação social carenciadas, com o objetivo de elevar a qualidade ambiental das áreas exteriores. Com o tempo, as miniflorestas ajudarão a combater as ilhas de calor no ambiente urbano, proporcionando um espaço para os habitantes permanecerem à sombra e desfrutarem das áreas verdes. O potencial impacto ambiental futuro do projeto português é ainda maior, uma vez que a Gaiurb é responsável pela Habitação Social em todo o Município e pretende alargar o conceito de miniflorestas a mais áreas de habitação social.

O projeto austríaco reforçou um esforço voluntário já existente para melhorar a biodiversidade no *Campus* Universitário de Viena e alargou-o a mais uma área do *Campus* Universitário. O projeto beneficiou da experiência e dos conhecimentos especializados já existentes no trabalho na área do *campus*, impulsionando assim uma atividade de biodiversidade em curso. Além disso, o esforço de biodiversidade da Öko Campus Wien parece ter influenciado a posição da Universidade em relação à biodiversidade:

“Parece que estamos a mudar a agenda e a mentalidade. Agora, a Universidade compreende que é importante um design dos espaços favorável à biodiversidade. Não podem simplesmente ignorar isso e não fazer nada, porque há pessoas que lhes lembram que precisam de fazer algo pela biodiversidade. Isto torna-o bastante sustentável a longo prazo.” (parceiro, Áustria)

No projeto italiano, o jardim de biodiversidade em Palermo foi projetado para criar valor em termos de biodiversidade. Isto é feito através da conservação e exibição de espécies de plantas endémicas e raras nativas da Sicília, bem como do reforço dos habitats dos polinizadores e do equilíbrio ecológico na área. Simultaneamente, o jardim é uma elevação da qualidade ambiental na área, proporcionando beleza numa zona de Palermo que, de outra forma, estaria abandonada e carenciada:

“Trazer biodiversidade e jardins para as nossas cidades muito, muito cinzentas é um prazer. Começa pelos sentidos, por olhar para algo bonito, que nos faz sentir melhor. Um jardim muito bonito, onde há flores, plantas, um caminho que foi criado. Acho que todos concordam que isto é beleza.” (parceiro, Itália).

Além disso, foi criado um valor tangível em termos de biodiversidade nos projetos húngaro e grego. Através de uma série de iniciativas e colaborações diferentes, estes dois projetos obtiveram acesso a pátios escolares, jardins privados e um jardim de um centro comunitário, conseguindo criar canteiros e plantar plantas nativas e favoráveis aos polinizadores.

O projeto dinamarquês ainda não criou valor em termos de biodiversidade, mas optou por uma estratégia mais indireta, inspirando e educando os proprietários de terrenos e jardins da comunidade a trabalhar com a biodiversidade nos seus próprios terrenos - uma estratégia que pode aumentar a biodiversidade a longo prazo.

O valor do Co-Bio em termos de inovação e aprendizagem

O impacto em termos de inovação e aprendizagem está particularmente ligado aos parceiros e stakeholders que aprendem novas formas de trabalho mais co-criativas para serem aplicadas noutros campos. Além disso, foi criado valor através da exploração e desenvolvimento de métodos inovadores de comunicação e colaboração sobre biodiversidade. E, finalmente, através da sensibilização e do aumento do conhecimento sobre questões ecológicas.

Aprender a trabalhar com a biodiversidade de formas novas e mais co-criativas tem sido um objetivo importante do Co-Bio. Vários parceiros apontam que a iniciativa Co-Bio produziu valor em termos de aprendizagem metodológica: através do trabalho com os casos locais e da aprendizagem mútua no processo, aprenderam uma nova metodologia, ou seja, a co-criação, que consideram adequada para aplicar também noutros tipos de projetos.

“Traz conhecimentos mais aprofundados e dá-nos mais ferramentas para a nossa caixa de ferramentas, ganhando mais conhecimento sobre métodos de aprendizagem inovadores. Pudemos estabelecer novas metodologias de ensino especialmente para a cocriação, que também poderiam ser adaptadas e tidas em conta, por exemplo, noutras questões cívicas ou noutros campos educativos” (parceiro, Grécia).

A parceira portuguesa retirou lições pessoais através do trabalho co-criativo, que irá utilizar em projetos futuros:

“A parte da cocriação era algo de que eu nunca tinha ouvido falar e penso que, como organização, pode realmente abrir-nos os olhos para considerarmos novas formas de trabalhar. (...) Por isso, no futuro(...) será importante considerar a parte da cocriação. Era algo que não fazia parte do meu vocabulário.” (parceira, Portugal).

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

Além disso, no projeto português, a aprendizagem e a inovação foram transferidas para os parceiros da Gaiurb, com o objetivo de introduzir miniflorestas co-criadas em áreas habitacionais mais carenciadas. Assim, implementando a inovação tanto em termos do conceito de miniflorestas como em termos de uma nova forma co-criativa de colaborar com os habitantes na preservação e desenvolvimento de áreas exteriores:

“(...) o projeto Co-Bio introduziu um conceito inovador de miniflorestas integradas diretamente em habitação social, algo praticamente inexistente em Portugal. (...) Destacou o desafio crescente de manter espaços comuns em habitações sociais e inspirou-nos a tornar este obstáculo um foco central do trabalho realizado pelos técnicos de ação social para preservar o compromisso da comunidade e garantir a sustentabilidade a longo prazo do projeto.” (entrevista com os stakeholders do projeto, Portugal).

O projeto dinamarquês na comunidade de Skibet focou-se especificamente na extração de aprendizagens metodológicas sobre cocriação da iniciativa Co-Bio e aponta para este tipo de valor:

“Ao participar na iniciativa Co-Bio, tive a oportunidade de refletir em conjunto com outros e de aprofundar a minha compreensão da cocriação como metodologia: onde pode ser utilizada e onde não pode, quais são as suas limitações e quais são os pré-requisitos para trabalhar de forma cocriativa?” (parceiro, Dinamarca).

A aprendizagem sobre cocriação, que os parceiros dinamarqueses obtiveram por meio da Co-Bio, será aplicada no futuro noutras iniciativas comunitárias planeadas sobre clima e biodiversidade no município de Vejle.

Aprender a envolver os cidadãos nas questões da biodiversidade

Outros parceiros sublinham que a iniciativa Co-Bio lhes proporcionou conhecimentos valiosos sobre a biodiversidade como matéria de estudo. E, sobretudo, sobre como comunicar e envolver os cidadãos e os stakeholders nas questões relacionadas com a biodiversidade. A parceira húngara sublinha que, através do projeto local, aprendeu muito sobre o que funciona bem e o que não funciona tão bem quando se envolve os cidadãos em iniciativas relacionadas com a biodiversidade, percebendo que os eventos práticos de “mãos à obra” atraem mais atenção do que as apresentações de especialistas.

“Penso que trabalhar com as comunidades é realmente importante. Foi inspirador ter esta experiência prática. Produzimos realmente algo e talvez não tenha um grande impacto na biodiversidade, mas, como efeito de bola de neve, poderá ter mais impacto no futuro, criando mais consciência e mais interesse.” (parceiro, Hungria).

Vários parceiros também aprenderam como pode ser difícil comunicar sobre biodiversidade, especialmente junto de cidadãos de bairros desfavorecidos, que não têm um alto nível de educação. Assim, através do projeto Co-Bio, os parceiros perceberam a importância de não usar uma linguagem profissional, mas sim traduzir as questões de biodiversidade para a vida quotidiana dos cidadãos e estar prontos para aprender com as experiências práticas dos cidadãos. No projeto português, houve uma aprendizagem mútua entre os profissionais e os cidadãos que discutiram a biodiversidade:

“Foi muito interessante ver esta aprendizagem mútua, por exemplo, com os arquitetos paisagistas a partilharem as razões teóricas pelas quais escolhemos determinadas espécies. E

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

depois os residentes do bairro a corroborarem as suas escolhas porque tinham experiência prática ou diziam: Sim, o sol brilha aqui entre esta e esta hora. Por isso, faz sentido escolhermos esta espécie.” (parceiro, Portugal).

Para além disso, no projeto austríaco, a troca de conhecimentos foi mencionada como um valor importante, e a diversidade dos participantes foi sublinhada:

“Quanto mais diversificados forem os participantes, mais o projeto beneficia.” (stakeholder, Áustria).

Sensibilização e transferência de aprendizagem

Uma ambição importante em todas as iniciativas Co-Bio tem sido sensibilizar e transferir aprendizagens sobre biodiversidade para os stakeholder e os cidadãos. Os projetos locais foram bem-sucedidos neste aspeto, promovendo, em geral, a aprendizagem, as competências ecológicas e a sensibilização para a biodiversidade, tanto entre crianças como entre cidadãos adultos.

A iniciativa Co-Bio húngara conseguiu introduzir novas ideias, conhecimentos e inspiração sobre como melhorar a biodiversidade em jardins privados a alguns dos cidadãos locais, resultando num maior foco na biodiversidade na sua vida quotidiana, bem como ideias para novas iniciativas de biodiversidade na comunidade (entrevista com stakeholder, Hungria).

O projeto dinamarquês conseguiu reunir cidadãos com diferentes perspetivas e experiências sobre a biodiversidade. Os participantes consideraram inspirador conhecer outras pessoas que se preocupam com a biodiversidade e obtiveram novas ideias para a sua própria prática quotidiana enquanto aprenderam acerca daquilo que já está a ser feito a nível local (entrevista com stakeholders, Dinamarca).

Na Hungria, assim como na Grécia, os projetos Co-Bio incluíram escolas primárias e envolveram crianças, conseguindo aumentar a sensibilização e o conhecimento sobre espécies, natureza e biodiversidade entre as crianças. No projeto húngaro, um concurso de desenho entre crianças foi bem-sucedido para atrair a sua atenção:

“O concurso de desenho utilizou a arte para sensibilizar as crianças, os seus professores e pais para a importância de proteger o ambiente, promovendo uma maior sensibilidade para a questão. Também nos permitiu chegar a pessoas que não estavam principalmente focadas na proteção ambiental.” (stakeholders, Hungria).

O valor social e cultural do Co-Bio em termos de redes e relações sociais

Uma iniciativa como a Co-Bio, que se baseia na colaboração entre diferentes stakeholders, deve produzir valor em termos de novas redes e relações sociais. Este é certamente o caso, sublinhando que um importante valor público criado pela Co-Bio é social e cultural.

Apoiar a colaboração e a construção de comunidades

Os parceiros da Co-Bio assumiram o papel de facilitadores, reunindo stakeholders relevantes para colaborar. Isto criou valor social em termos de novas redes, relações e colaborações entre os intervenientes. Um exemplo é o projeto húngaro, que conseguiu reunir uma série de

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

intervenientes com interesse na biodiversidade, inspirando-os a colaborar em iniciativas futuras.

“Foram estabelecidas novas relações. Por exemplo, uma das organizações parceiras contactou outra organização e estão agora a discutir a implementação na zona circundante do mercado local. É também apenas um espaço vazio, mas tem potencial. Começaram a discutir como poderiam colaborar nesta implementação.” (parceiro, Hungria).

Outro exemplo é o impacto na construção da comunidade criado pelo projeto Co-Bio, tanto na Dinamarca, como em Portugal e na Áustria. Em todos estes projetos, foram feitos esforços deliberados para fortalecer os laços comunitários.

“Trabalhámos para fortalecer a comunidade. Tínhamos reuniões regulares no local. Às vezes, era apenas para nos sentarmos juntos, ver como estavam as plantas, por isso não acontecia muita coisa. Penso que esta é uma parte importante do projeto, porque, por vezes, nem precisávamos de ter um programa. Percebi que as pessoas ficavam bastante felizes só por estarem lá, a conversar umas com as outras, a regar as plantas.” (parceiro, Áustria).

No projeto português, os habitantes locais conseguiram fortalecer os seus laços e o seu sentido de comunidade, trabalhando juntos na iniciativa de biodiversidade:

“É realmente importante fortalecer os laços comunitários, pois todos estão a trabalhar em conjunto e empenhados em fazer algo. Porque muitas vezes acontece vivermos 10 anos num prédio sem falar uns com os outros. Mas se é algo que as pessoas querem, a forma de agir altera-se para “Ok, posso ir espreitar o que está a acontecer lá fora.” (parceiro, Portugal).

Para além disso, todos os projetos Co-Bio locais tiveram um impacto positivo em termos de construção de novas relações ou reforço das relações existentes entre os stakeholders.

Ligar os stakeholders

Um impacto positivo em termos de rede tem a ver com as organizações parceiras do Co-Bio procurarem aliados e parceiros de colaboração, construindo assim novas relações. Um exemplo disso é o parceiro austríaco ter contactado a associação de estudantes de Biologia da universidade para obter apoio e colaboração. Outro exemplo é o projeto húngaro que procurou um centro comunitário local, uma escola local e associações voluntárias locais para colaborar em iniciativas de biodiversidade em Wekerletelep. E um terceiro exemplo é o projeto grego que procurou escolas locais e uma igreja para colaborar na iniciativa de biodiversidade. O parceiro grego reflete:

“Acredito que, através disto, poderíamos construir comunidades mais fortes. E elas também poderiam funcionar como um laboratório vivo onde pessoas de diferentes setores e origens socioeconómicas podem trabalhar e aprender juntas, capitalizando a nível social através da criação de novas relações e da promoção de um conjunto partilhado de níveis para um presente e um futuro melhores, especialmente em termos de ambientes mais seguros e da sustentabilidade e nutrição da biodiversidade urbana.” (parceiro, Grécia).

Além disso, alguns dos parceiros conseguiram reforçar as redes existentes com os stakeholders relevantes, ao colaborar na iniciativa Co-Bio. Por exemplo, o projeto italiano contactou parceiros

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

conhecidos, como uma escola profissional e um arquiteto paisagista voluntário, que já tinham contribuído anteriormente para outros projetos colaborativos. No projeto português, a organização parceira entrou em contacto com uma relação institucional já estabelecida com a Gaiurb. No projeto dinamarquês, o município de Vejle integrou a iniciativa Co-Bio numa relação e colaboração já existentes com a comunidade de Skibet. Por último, o projeto austríaco utilizou a iniciativa Co-Bio para reforçar uma rede internacional já existente entre voluntários de vários países que trabalham para melhorar a biodiversidade nos *campus* universitários.

O valor do Co-Bio em termos de democracia

A ideia básica do projeto Co-Bio é trabalhar de forma co-criativa com iniciativas de biodiversidade, convidando os stakeholders relevantes a participar e influenciar os projetos. Assim, o objetivo dos projetos locais Co-Bio foi criar valor democrático, estimulando e apoiando o diálogo democrático, a participação e o envolvimento civil.

De um modo geral, os casos locais Co-Bio foram bem-sucedidos na produção de valor democrático, capacitando os stakeholders relevantes e oferecendo-lhes um papel como co-criadores ativos de medidas de biodiversidade.

Os stakeholders têm assumido um papel de cocriadores em diferentes níveis nos seis casos locais. Nos projetos austríaco, dinamarquês e húngaro, estudantes e cidadãos foram convidados a co-projetar as iniciativas de biodiversidade. Já em Portugal, Grécia e Itália, os cidadãos assumiram principalmente o papel de co-implementadores, participando na implementação de iniciativas de biodiversidade.

O projeto austríaco de promoção da biodiversidade no *campus* universitário proporcionou uma plataforma para iniciativas lideradas por estudantes, envolvendo e capacitando os estudantes para desenvolver e implementar iniciativas no *campus* universitário. O projeto conseguiu criar “uma atmosfera inspiradora” para que os estudantes e os habitantes locais contribuíssem para iniciativas de biodiversidade.

“Através do projeto, criamos esta atmosfera inspiradora onde se percebe que se podem criar e mudar coisas. Alguns dos estudantes tiveram a ideia de criar estes canteiros elevados, por isso, de certa forma, está a crescer através de contactos informais, estamos apenas a dar o exemplo e a inspirar outras pessoas a começar a fazer coisas.” (parceiro, Áustria).

A iniciativa austríaca Co-Bio, como plataforma para iniciativas lideradas por estudantes, é considerada uma forma de criar valor democrático, dando aos estudantes um sentido de autonomia na configuração do seu *campus*. Por exemplo, a participação nas atividades de biodiversidade deu a este estudante um sentido de empoderamento e propósito:

“Como entomologista (estudante de insetos), muitas vezes apenas registo espécies em extinção, este projeto ajudou-me a sentir que estou realmente a mudar alguma coisa” (participante (estudante), Áustria).

Esta citação aponta para a iniciativa de biodiversidade que cria outro tipo de valor, nomeadamente melhorando o bem-estar, a autoconfiança e a saúde psicológica dos

participantes. Desenvolver um sentido de autonomia em relação à crise da biodiversidade pode, assim, criar valor psicológico, particularmente para os jovens, que são afetados pela ansiedade climática e por um sentimento de impotência.

O projeto dinamarquês de biodiversidade na comunidade de Skibet também foi organizado como um processo ascendente, impulsionado principalmente por um grupo de cidadãos locais e facilitado pelo município. O município convidou a comunidade para uma agenda aberta sobre clima e biodiversidade, e verificou-se que o trabalho com a biodiversidade local era uma prioridade na agenda dos cidadãos. Democraticamente, uma abordagem de agenda aberta contribuiu para um diálogo igualitário.

“A agenda é aberta e todos podem contribuir com o que preferirem. É também psicológico: todos têm o mesmo valor. Todas as ideias, o empenho e os contributos são valiosos... Esta é uma boa forma de desenvolver o sentido de pertença.” (parceiro, Dinamarca).

Os cidadãos locais de Skibet desempenharam, assim, um papel ativo, primeiro na definição da agenda do projeto, depois na decisão sobre o tipo de iniciativa que queriam desenvolver e, por último, na produção das caixas de biodiversidade. O processo conseguiu produzir valor democrático em termos de estimular e apoiar o diálogo democrático, a participação e o envolvimento civil na comunidade e o reforço dos laços comunitários.

O projeto italiano de plantar um Jardim da Biodiversidade nos terrenos de uma igreja local colaborou com um instituto de aprendizagem profissional e uma agência de emprego, envolvendo estudantes e habitantes locais em workshops e atividades práticas de plantação. O projeto decorreu numa área socialmente desfavorecida com estudantes que não estão habituados a ser convidados para o papel de co-criadores. No entanto, o projeto conseguiu produzir valor democrático em termos de empoderamento entre os estudantes.

“Eles apareceram porque sentiram que, desde o primeiro dia, eram importantes para o resultado. Nesse sentido, diria que conseguimos envolvê-los de uma forma muito genuína e fazê-los desenvolver um sentimento de pertença. Conseguimos fazê-los sentir-se importantes, porque, sejamos realistas: estas são pessoas que pensam que não são importantes.” (parceiro, Itália).

No projeto português de plantação de miniflorestas em áreas de habitação social carenciadas, os habitantes assumiram principalmente o papel de co-implementadores, participando em reuniões e sessões práticas de plantação. Para os habitantes, a possibilidade de colaborar no desenvolvimento e melhoria das suas áreas exteriores pode contar como um valor democrático.

“O projeto baseia-se na expectativa de tentar realmente transformar a vida das pessoas que vivem nas habitações sociais onde as miniflorestas estão a ser implementadas. Penso que é muito importante... faz diferença ter um lugar bonito para viver... mesmo que estes moradores, muitas vezes, em situações vulneráveis, não considerem estas questões particularmente relevantes.” (parceiro, Portugal).

O projeto grego sublinha o potencial democrático da abordagem co-criativa no apoio ao papel dos cidadãos e das comunidades locais. Estes estão motivados para assumir a

responsabilidade e agir em conjunto face a desafios como a diminuição das áreas verdes e da biodiversidade nas cidades. De acordo com um dos stakeholders municipais, esta forma de trabalhar está em consonância com as ambições do município.

“Este é um exercício democrático ao nível do bairro. Os workshops de cocriação são concebidos para dar aos residentes uma voz direta na configuração dos seus espaços públicos, o que cria laços comunitários mais fortes e promove uma cidadania mais ativa e empenhada. Para o município, este é um caso-teste para um novo modelo de governação.” (stakeholder (município), Grécia).

O valor económico do Co-Bio

As iniciativas Co-Bio não foram explicitamente concebidas para gerar valor económico. Não foi pedido aos stakeholders que abordassem esta questão diretamente e, empiricamente, é difícil medir o valor económico exato das medidas de cocriação a curto prazo. No entanto, as iniciativas podem, de várias formas diferentes, ter potencial para criar valor económico.

As iniciativas mobilizam recursos cívicos voluntários para conceber e manter áreas verdes em cidades, escolas e universidades, substituindo ou complementando recursos e funcionários públicos. Um exemplo disso é o caso austríaco, onde estudantes e habitantes locais cuidam voluntariamente de parte do *campus* e terrenos adjacentes, removendo arbustos de monocultura e espécies invasoras, plantando, semeando e construindo habitats para abelhas selvagens e outros insetos. Tarefas voluntárias que poupam dinheiro à universidade.

Além disso, o impacto gerado pelo Co-Bio em termos de valor inovador, de aprendizagem e a nível social pode potencialmente transbordar para o valor económico. Por exemplo, está documentado que a boa saúde, o bem-estar e os laços sociais fortes numa comunidade reduzem os custos dos cuidados de saúde e dos serviços sociais. Neste sentido, pode esperar-se que a iniciativa Co-Bio crie valor económico numa perspetiva a longo prazo.

Outro exemplo de criação de valor económico está ligado ao desenvolvimento de conceitos inovadores com potencial de expansão pelo Co-Bio. Duas das iniciativas locais parecem ter potencial para expansão, uma vez que os principais stakeholders consideram o conceito um caso de negócio sustentável que vale a pena expandir: na Grécia, vários municípios estão interessados em implementar o conceito do Co-Bio. O objetivo é colaborar com escolas no apoio às comunidades para que estas criem laços com a natureza e entre si, cultivando um sentido comum de responsabilidade pelo seu ambiente urbano. Da mesma forma, o stakeholder central da iniciativa portuguesa, a Gaiurb, está a preparar-se para expandir a iniciativa Co-Bio de plantar miniflorestas numa série de outras áreas habitacionais. Assim, o Co-Bio conseguiu desenvolver conceitos inovadores que são considerados “modelos de negócio” sustentáveis pelos principais stakeholders locais, ou seja, municípios e organizações habitacionais.

Conclusão: O valor e o impacto dos projetos Co-Bio

As seis iniciativas Co-Bio conseguiram produzir uma série de impactos diferentes, sendo os mais tangíveis e visíveis **a biodiversidade e o impacto ambiental** sob a forma de miniflorestas, miniparques e canteiros elevados numa série de ambientes urbanos em cidades de toda a Europa. Dando, assim, um pequeno primeiro passo para cidades europeias mais verdes no futuro.

No entanto, é igualmente importante ter em conta os tipos de impacto intangíveis criados através dos casos locais Co-Bio, que podem vir a criar um impacto ainda maior no futuro.

Impacto em termos de aprendizagem e inovação: introduzir novas formas mais co-criativas de trabalhar com a biodiversidade, envolvendo os cidadãos e outros stakeholders como criadores ativos. Reforçar as capacidades, desenvolver novas competências e inspirar os parceiros e os stakeholders a adotar novas formas de trabalhar com a biodiversidade. E, por último, promover a partilha de conhecimentos, a inspiração e a aprendizagem entre os cidadãos, os estudantes e as crianças sobre a natureza e a biodiversidade.

Impacto em termos de redes e relações sociais: alcançar e estabelecer relações com entidades com as quais ainda não se tenha colaborado anteriormente. Incluir um vasto leque de stakeholders, permitindo-lhes trabalhar em conjunto em medidas de biodiversidade, apoiando e reforçando os laços comunitários através de atividades práticas locais.

Impacto em termos de democracia: estimular e apoiar o diálogo democrático, a participação e o envolvimento civil, oferecendo aos cidadãos um papel ativo como cocriadores em medidas relacionadas com a biodiversidade. Capacitar estudantes e cidadãos, dando-lhes voz no desenvolvimento do seu meio próximo, melhorando potencialmente o seu bem-estar e saúde psicológica. Criar um espaço de participação e influência para grupos “vulneráveis” de cidadãos, que são frequentemente excluídos ou negligenciados nos processos democráticos, tais como residentes de áreas “carenciadas” e crianças.

Impacto em termos económicos: Empiricamente, é difícil medir o impacto económico das iniciativas de cocriação a curto prazo. No entanto, potencialmente, os casos locais do Co-Bio podem gerar valor económico a longo prazo de diferentes maneiras: mobilizando recursos cívicos para substituir ou complementar o financiamento público, melhorando a saúde, o bem-estar e a coesão social nas comunidades e desenvolvendo conceitos inovadores que podem ser ampliados e implementados por municípios e associações habitacionais.

3. Co-Bio como um processo de cocriação

Esta secção explora o Co-Bio como um processo de cocriação, questionando: O que podemos aprender com o Co-Bio em termos das condições e abordagem necessárias para ter sucesso com a cocriação? Esta secção explora pontos de aprendizagem do processo de cocriação sublinhados pelos parceiros do projeto. Poderá encontrar um guia mais elaborado sobre como facilitar processos de cocriação no documento “Seis Princípios para Cocriar Biodiversidade – Uma Metodologia” (www.co-bio.vejle.dk/).

Pontos a reter: Quais foram as principais dificuldades encontradas?

Quando questionados acerca das condições que consideraram particularmente desafiantes no trabalho com o projeto Co-Bio, o tempo disponível para a sua implementação foi mencionado como a barreira mais difícil à cocriação. Em resumo, os parceiros destacaram três temas: a. Burocracia e processos de tomada de decisão lentos nas organizações públicas b. Trabalhar com stakeholders e voluntários e c. Gerir um prazo apertado e a pressão para obter resultados. Estes pontos serão aprofundados de seguida.

Burocracia e processos de tomada de decisão lentos nas organizações públicas

O acesso ao terreno é fundamental no trabalho com a biodiversidade e vários dos parceiros procuraram colaborar com municípios ou escolas locais na utilização de áreas públicas. Estes apontaram para os processos lentos e burocráticos nas organizações públicas como uma barreira importante à cocriação.

Em Portugal, ao colaborar com a Gaiurb, uma empresa municipal de habitação, houve muitos tempos de espera para que os contratos fossem processados:

“Tivemos de esperar muito tempo em relação à contratação pública, porque numa das habitações sociais tínhamos mesmo de começar a construção, por isso houve esta espera para obter o acesso. Quando se tem de esperar e não se pode fazer nada, acho que esse é o maior desafio.” (parceiro, Portugal).

Outro parceiro aponta para o preconceito que existe contra os municípios e as autoridades públicas, particularmente no sul da Europa, criando uma expectativa de que estes stakeholders são burocráticos e não estão interessados em colaborar. Enquanto um terceiro parceiro aprendeu com a iniciativa Co-Bio que trabalhar com organizações públicas exige muito tempo e esforço:

“Aprendemos que, para as instituições, precisamos de mais tempo para planejar, para processar tudo. Por isso, aprendemos definitivamente que, com instituições como o município ou uma escola, não podemos fazer este tipo de ações como: “vamos fazer isto na próxima semana e aquilo na semana seguinte”. Precisamos de mais estrutura e mais tempo com as instituições.” (parceiro, Hungria).

Mobilizar e trabalhar com voluntários

Todas as iniciativas Co-Bio tiveram como objetivo mobilizar e colaborar com entidades relevantes, tais como habitantes de uma área local ou estudantes da universidade, bem como

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação (comunicação) reflete apenas as opiniões do autor, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

ONGs relevantes. Trabalhar com stakeholders “voluntários”, que têm outros compromissos e recursos de tempo limitados, pode ser um desafio. Isso torna a iniciativa vulnerável em termos de tempo e recursos e exige flexibilidade e uma gestão cuidadosa do tempo.

De acordo com um dos parceiros:

“Infelizmente, o trabalho comunitário nem sempre segue um calendário rígido, todos precisam de trabalhar, todos têm algumas obrigações, obrigações familiares, etc. Por isso, diria que tivemos de introduzir alguma flexibilidade no nosso projeto, no calendário e na colaboração dos diferentes intervenientes.” (parceiro, Grécia).

Trabalhar com voluntários exige motivação contínua, bem como clareza quanto às funções e responsabilidades. De acordo com os parceiros, nem todas as tarefas podem ser realizadas por stakeholders voluntários. Este parceiro sublinha a importância de trabalhar continuamente na motivação dos voluntários:

“(os cidadãos voluntários) não tinham tanta capacidade e tempo para isso e um deles ficou realmente exausto no final do projeto. Como podemos motivar os voluntários? É claro que as pessoas se voluntariam porque gostariam de fazer isso. Mas, neste projeto, havia muitas tarefas.” (parceiro, Hungria).

Gerir um prazo apertado e a pressão para obter resultados

Trabalhar com a natureza e a biodiversidade é imprevisível, e a época de plantação é relativamente limitada. Isto tem representado um desafio, especialmente para as iniciativas Co-Bio localizadas no sul da Europa. Em Itália, Grécia e Hungria, a “janela” certa para a plantação é relativamente curta e a rega das plantas exige uma atenção especial. O tempo para o planeamento e a implementação é, portanto, mencionado como um desafio pelos parceiros. Questionado sobre o que deveria ser feito de forma diferente da próxima vez, um parceiro reflete:

“Seria importante dedicar mais tempo ao planeamento. As implementações deveriam ter sido feitas apenas no período da primavera. Portanto, foi, digamos, um prazo curto. No verão, faz demasiado calor para plantar. Em junho, a maioria das plantas já tinha saído das lojas, o que também foi um problema.” (parceiro, Hungria).

Outro parceiro reflete sobre o facto de que uma iniciativa de cocriação como o Co-Bio muitas vezes terá de equilibrar o produto e o processo. O Co-Bio nasceu com dois objetivos diferentes: por um lado, sentir a pressão de produzir resultados tangíveis em termos de biodiversidade. Por outro lado, com o objetivo de experimentar o envolvimento “genuíno” e os processos cocriativos. O parceiro reflete:

“O projeto foi concebido de forma a que todos nos concentrássemos muito na concretização de casos específicos e nos esquecêssemos do objetivo de explorar um determinado método e retirar aprendizagens. Não importa realmente se o caso é bem-sucedido, o que importa é a aprendizagem que dele resulta.” (parceiro, Dinamarca).

Pontos a reter: O que funcionou bem?

Para além do valor criado pelo projeto Co-Bio, conforme descrito na segunda secção deste relatório, os parceiros apontam para dois aspetos do projeto Co-Bio que funcionaram bem: a. A

diversidade dos participantes e b. Um espaço para reflexão e feedback entre os parceiros. Estes dois aspetos serão aprofundados a seguir:

Diversidade de parceiros e participantes

O projeto Co-Bio apresenta um elevado grau de diversidade em termos de parceiros, contextos e iniciativas. Isto é muito valorizado pelos parceiros e considerado uma importante fonte de aprendizagem e inspiração no que diz respeito à biodiversidade e à cocriação.

Um parceiro destaca a importância de ter não apenas ONGs como parceiros, mas também incluir uma organização pública, como o Município de Vejle:

“Tem sido muito proveitoso para nós ter incluído o município de Vejle, porque também estamos a trabalhar na forma de cooperar com os municípios, o que é uma questão importante no nosso trabalho. Poder dizer ao governo municipal de Viena: “Vejam, também pode funcionar assim!” e pegar no exemplo de Vejle e usá-lo na vossa colaboração.” (parceiro 2, Áustria).

Outro parceiro reflete de forma mais geral sobre a inclusão da diversidade nos processos e projetos:

“Todos pensam de forma diferente. E acho que isso é muito bom para os projetos em geral e crucial também para este. Especialmente nos momentos de reflexão, quando tínhamos estas dinâmicas com duas pessoas a falar sobre um caso. Lembro-me de algumas situações em que houve um verdadeiro “momento de revelação” para diferentes pessoas do grupo devido a estas trocas entre diferentes setores. Por isso, para mim, pareceu-me realmente uma boa forma de desenvolver projetos que devem ser transferidos para a esfera pública, por exemplo, a conceção de espaços públicos.” (parceiro 1, Áustria).

A importância de um espaço para reflexão e feedback

O parceiro acima refere-se aos “momentos de reflexão” no projeto Co-Bio como uma oportunidade valiosa para os parceiros refletirem juntos sobre os desafios e possíveis soluções na facilitação dos projetos locais e para partilharem experiências e conhecimentos.

As sessões online de feedback concebidas e dinamizadas pelo Center for Citizen Dialogue foram um elemento integrado no projeto Co-Bio. As sessões de feedback foram deliberadamente concebidas como um “momento de reflexão” que incluiu sessões de “equipa de reflexão” para abordar desafios específicos levantados pelos parceiros. Isto permitiu aos parceiros partilhar os desafios que encontraram no processo e obter inspiração e incentivo dos seus colegas. Uma série de temas e desafios diferentes foram abordados nestes momentos de reflexão, ou seja, obter acesso aos terrenos, mobilizar e apoiar os principais stakeholders, lidar com a colaboração desafiante com as escolas e como melhor apoiar a consolidação e sustentabilidade das iniciativas.

Os parceiros valorizaram muito a partilha e a aprendizagem entre si:

“No que diz respeito à parceria em si, penso que também foi muito bom sentir a vontade de todos em partilhar e aprender sempre. Particularmente nas sessões de feedback dinamizadas ao longo dos últimos meses.” (parceiro, Portugal).

“Houve muita aprendizagem. As sessões de feedback foram muito úteis. Além disso, se alguns dos parceiros estavam presos no seu caso local, falar sobre: “Como é que o fizeram? Quais foram as vossas soluções?” foi realmente algo que ajudou muito.” (parceiro 2, Áustria).

Sabemos, pela investigação e pela prática, que liderar e facilitar processos de cocriação pode ser uma tarefa exigente. Por isso, conceber um espaço dedicado à reflexão, inspiração mútua e feedback revelou-se um investimento valioso no projeto Co-Bio.

4. Recomendações baseadas no Co-Bio

Esta secção apresenta recomendações para profissionais sobre como ter sucesso com a cocriação com base nas experiências da iniciativa Co-Bio, ou seja, focada principalmente na cocriação de biodiversidade num contexto urbano. Poderá encontrar uma versão mais detalhada com conselhos metodológicos em “Seis Princípios para Cocriar Biodiversidade – Uma Metodologia” (www.co-bio.vejle.dk/). A última secção contém recomendações para decisores políticos.

Estas recomendações para profissionais baseiam-se na iniciativa Co-Bio:

Obtenha acesso a um terreno adequado para a cocriação da biodiversidade

Em muitas cidades, os terrenos são escassos e caros, é por isso que não se deve subestimar a importância de obter acesso a um terreno adequado para a cocriação da biodiversidade. Esta necessidade pode muito bem tornar-se a orientação para as pontes que se pretende construir. Em termos de acesso ao terreno, os seis projetos locais Co-Bio acabaram por ter focos muito diferentes. Alguns trabalharam com a biodiversidade em jardins privados, em colaboração com os cidadãos locais. Outros estabeleceram relações com uma escola pública, uma universidade, uma igreja ou uma empresa municipal, interessadas em melhorar a biodiversidade nos seus terrenos. Em geral, obter acesso a áreas como parques ou terrenos baldios pertencentes ao município é, muitas vezes, um processo difícil e demorado.

Estabeleça alianças locais

Construir alianças relevantes é um pré-requisito para a cocriação da biodiversidade urbana. As alianças com pessoas e organizações que possuem conhecimento local, relações com stakeholders relevantes e talvez até ofereçam acesso a um terreno, revelaram-se fundamentais para o sucesso das iniciativas Co-Bio. Muitas vezes, nem sequer será necessário procurar novas alianças, poderá basear-se na sua rede de contactos. O importante é construir alianças com um ou mais stakeholders que partilhem as suas ambições em relação à biodiversidade e considerem que a iniciativa também servirá os seus interesses.

Assuma um papel curioso e humilde

Nem sempre toda a gente está tão empenhada na biodiversidade! E nem todos compreendem o que é a biodiversidade ou se interessam pelo conceito. Os stakeholders que pretende mobilizar ou com quem pretende colaborar podem ter motivações muito diferentes para querer fazer parte de uma iniciativa local de biodiversidade. Por isso, é importante que assuma um papel humilde e explore com curiosidade o potencial “terreno comum” que pode ligar as suas ambições e

interesses aos dos outros stakeholders. Aqui, a linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental.

Convide um grupo diversificado de participantes

A ideia básica de melhorar a biodiversidade através da cocriação é reunir pessoas com interesses e competências diversas para trabalharem juntas e criarem soluções mais criativas e sustentáveis. Portanto, como facilitador, deve estar atento à diversidade. Não se contente em mobilizar “os suspeitos de sempre”, procure alcançar participantes diversos.

Por vezes, pode ser uma boa ideia contactar os habitantes de um bairro com o objetivo de mobilizar participantes para uma iniciativa local. Isto pode ser feito através de um “convite aberto” sob a forma de um evento, workshop, concurso ou inquérito para despertar o interesse na iniciativa de biodiversidade.

Trabalhe de forma prática com atividades visíveis

Em geral, as seis iniciativas Co-Bio constataram que atividades práticas como plantação, atividades DIY, passeios a pé e excursões constituem boas formas de atrair a atenção e a participação dos cidadãos. Para muitas pessoas, a biodiversidade pode parecer um conceito abstrato. Por isso, atividades práticas e visualização podem ajudar os cidadãos locais de um bairro a compreender do que se trata. A biodiversidade é adequada para ser um “terreno comum” que reúne as pessoas para trabalhar em algo tangível. Plantar e cuidar de uma área verde exige trabalho em conjunto e, muitas vezes, é uma experiência gratificante para os participantes promoverem uma diferença visível no embelezamento do seu bairro.

Estabeleça uma estrutura e seja flexível

Os processos de cocriação exigem um tipo especial de liderança. Estes processos podem parecer confusos, pouco claros, complexos e diversos, uma vez que os participantes pertencem a diferentes organizações com lógicas diferentes. A liderança dos processos de cocriação é continuamente negociada. Como facilitador, está a liderar stakeholders que podem decidir abandonar a colaboração a qualquer momento, caso a situação se torne demasiado complicada ou a tarefa sem sentido.

A tarefa como facilitador e, portanto, líder de um processo de cocriação é encontrar o equilíbrio certo. Por um lado, os participantes, e a iniciativa de biodiversidade, precisarão de um objetivo claro, bem como de um quadro em termos de gestão do tempo e dos recursos. Por outro lado, como muitas vezes irá trabalhar com voluntários, é importante ser flexível e acomodar as necessidades dos participantes e a natureza imprevisível do processo de cocriação. Além de apoiar a motivação e o envolvimento dos participantes.

Garanta a sustentabilidade da iniciativa

Um fator importante para garantir a “imortalidade” de uma iniciativa são as conexões, relações e colaborações entre os diferentes stakeholders desenvolvidos durante a iniciativa. Se a sua iniciativa de biodiversidade foi concebida e desenvolvida em colaboração com stakeholders locais que conseguiram encontrar um “terreno comum”, é mais provável que seja sustentável.

Uma forma de garantir a vida útil da sua iniciativa é ancorá-la numa organização local com recursos e disposta a sustentá-la a longo prazo. Outra forma é desenvolver a “gestão

responsável” entre os cidadãos locais. Os cidadãos que experimentam a nova área verde como sua são mais propensos a cuidar dela e mantê-la.

Recomendações políticas

Seguem-se recomendações para os decisores de organizações públicas que desejam apoiar e promover a biodiversidade urbana através da cocriação. Duas recomendações políticas principais foram desenvolvidas pelos parceiros da iniciativa Co-Bio com base nas suas experiências:

- Antes de iniciar projetos: Ouça atentamente as entidades relevantes e construa relações antes de tomar iniciativas. Tenha uma mente aberta e explore o que já existe e quais são os stakeholders que já estão ativamente envolvidos no terreno.
- Destribua recursos para envolver os cidadãos na ecologização das cidades e facilite a participação. Valorize o envolvimento e as iniciativas dos voluntários, oferecendo uma estrutura de apoio, eliminando barreiras burocráticas e oferecendo financiamento flexível. Sustente e promova o desenvolvimento de capacidades entre os cidadãos e as ONGs no terreno.

Apêndice: Panorama geral dos inquiridos

Parceiros	Cidadãos	OSC	Set. púb.	SH total	Ent. Parc.	Total
Hungria	4	-	2	6	1	7
Itália	1	2	1	4	1	5
Áustria	2	2	-	4	2	6
Portugal	-	-	4	4	1	5
Dinamarca	4	-	-	4	2	6
Grécia	1	-	1	2	1	3
Total	12	4	8	24	8	32

SH = stakeholders

Subgrupos de stakeholders: cidadãos, Organizações da Sociedade Civil (OSC), Setor público

Ent. Parc. = Entrevista com parceiros, número de parceiros participantes



ko Campus Wien

